

# PRODUÇÃO E (RE)ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, RECIFE – PE<sup>1</sup>

## PRODUCTION AND (RE)ORGANIZATION OF THE SPACE AT NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO FESTIVAL, RECIFE – PE

Ana Caroline Oliveira Pedroso<sup>1</sup>, Wedmo Teixeira Rosa<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), Recife, PE, Brasil

Correspondência para: Ana Caroline Oliveira Pedroso (acopedroso@gmail.com)

doi: 10.12957/geouerj.2018.32152

Recebido em: 9 jan. 2018 | Aceito em: 1 jun. 2018



### RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é analisar a dimensão espacial do sagrado no contexto da cidade do Recife – PE, durante a Festa de Nossa Senhora Conceição, além de compreender o papel que essa festa religiosa exerce sobre a produção e (re)organização do espaço no Morro da Conceição a partir da relação sagrado/profano. É importante salientar que as festas religiosas são manifestações culturais que têm valor significativo para alguns grupos sociais e imprime, ainda, ao local onde elas ocorrem, uma dinâmica diferente dos dias comuns, reconfigurando o espaço a partir do sagrado. Para desenvolvimento desta investigação adotou-se os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico; observação in loco; aplicação de formulários de perguntas com devotos e visitantes; e entrevistas semiestruturadas com organizadores da festa e moradores do Morro da Conceição. Posteriormente, buscou-se inter-relacionar os dados e informações coletadas para realização das análises e discussão visando atingir os objetivos propostos. Em meio a dinâmica espacial do sagrado impressa durante a festa, foi possível identificar os espaços sagrados, os espaços profanos direta e indiretamente vinculados ao sagrado e os espaços híbridos, além de compreender alguns significados atribuídos à festa e aos diferentes espaços que fazem parte do roteiro devocional dos participantes desse evento religioso.

**Palavras-chave:** Espaço Sagrado/Profano; Festas Religiosas; Morro da Conceição; Recife – PE.

### ABSTRACT

*The main aim of this research is to analyze a holy spatial dimension in the context of the city of Recife – PE, during Nossa Senhora da Conceição Festival, in order to understand the role this religious Festival plays in the production and (re)organization of the space at Morro da Conceição starting from the sacred / profane relation. It's important to emphasize that the religious festivals are cultural manifestations which have meaningful values for some social groups and still impress to the local where them happen, a different dynamic of the ordinary days reconfiguring the space starting from the profane. To develop this research was assumed the following methodological procedures: bibliography survey; observation in loco; application of question forms with devotees and visitors; and semi structure interviews with the festivals organizers and the citizens of Morro da Conceição. Subsequently, we sought to interrelate the data and the information collected to accomplish the analysis and the discussion in order to achieve the main objectives proposed in this research. Through this sacred spatial dynamic impression during the festival, it was possible to identify the sacred spaces; the direct and indirect profane spaces related to the sacred and the hybrid spaces, in addition to comprehend some meanings given to the festival and to the different spaces that make part of the participants devotional script of this religious event.*

**Keywords:** Sacred / Profane Space; Religious Festivals; Morro da Conceição; Recife-PE.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

As festas religiosas populares são manifestações culturais que têm valor significativo para alguns grupos sociais e imprime, ainda, ao local onde elas ocorrem, uma dinâmica diferente dos dias comuns, (re)organizando o espaço a partir do sagrado. Nesse sentido, a principal questão que fundamenta essa investigação aborda reflexões sobre as relações sagrado/profano e como se dá sua influência sobre o espaço.

Inicialmente, é imprescindível delimitar e distinguir esses dois termos. Desse modo, compreendemos que o sagrado e o profano constituem duas classes distintas, duas categorias, dois gêneros opostos e separados em que são classificadas as coisas reais ou ideais a partir das crenças religiosas, mas que se complementam. Assim, apesar de hostis e rivais um do outro, há uma solução de continuidade entre esses dois domínios, tendo em vista que um ser ou um objeto qualquer pode passar de um desses mundos para o outro através de determinados ritos (DURKHEIM, 1996).

Dessa forma, a discussão do sagrado envolve conseqüentemente o profano e, mesmo que estas duas dimensões pareçam opostas, estão fortemente correlacionados, pois “[...] a ideia do profano só tem sentido numa perspectiva religiosa, ou seja, no domínio fenomenológico em que se opõe a noção do sagrado. Essa oposição liga as duas referidas categorias de forma necessária, numa estreita correlação” (SERRA, 1999, p. 53).

Abarcando determinados espaços, a ideia de sagrado adquire materialidade para o homem religioso, pois, segundo Eliade (1992), o espaço não é homogêneo nem contínuo, apresentando roturas, quebras representadas por porções do espaço que se diferenciam qualitativamente das demais, adquirindo valor significativo. Em contrapartida, o espaço profano não possui estrutura nem consistência; é, portanto, amorfo, neutro e homogêneo.

Ainda de acordo com o autor supracitado, a partir de crenças religiosas, o tempo também pode ser classificado em duas categorias distintas; logo, determinados períodos de tempo adquirem um caráter sagrado em detrimento de outros.

Tal como o espaço, o tempo também não é, para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo. Há, por um lado, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o Tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. Entre essas duas espécies de Tempo, existe, é claro, uma solução de continuidade, mas por meio dos ritos o homem religioso pode “passar”, sem perigo, da duração temporal ordinária para o Tempo sagrado (ELIADE, 1992, p. 38).

Por conseguinte, as análises sobre a produção e (re)organização do espaço a partir da relação sagrado/profano no Morro da Conceição, considera o tempo da festa dedicado a Nossa Senhora da Imaculada Conceição, ou seja, o tempo sagrado, que se estende de 29 de novembro até o dia 8 de dezembro. Nessa ocasião, evidencia-se uma forte relação entre as comemorações religiosas e profanas, fato que é refletido na organização do espaço sagrado e, conseqüentemente, do espaço profano: no espaço sagrado se realiza o contato com Deus ou com os Santos, sendo que esse espaço é definido simbolicamente, no Morro da Conceição, pela imagem que representa a Santa e pelo Santuário dedicado a Ela; no entorno desse espaço é possível reconhecer atividades e serviços destinados a atender às necessidades humanas dos visitantes e devotos, como comércio e serviços bastante diversificados, englobando alimentação, locomoção, diversão etc. que definem o espaço profano.

Apesar do espaço sagrado ser qualitativamente diferente do espaço profano para o fiel, há uma relação de porosidade e dependência entre ambos. Portanto, além de coexistirem no mesmo espaço, no tempo sagrado não é possível definir com clareza onde termina um e começa outro, não dá para definir as fronteiras de um e de outro, principalmente em momentos em que se reúne um número muito grande de pessoas, porém quanto mais se afasta dos símbolos considerados sagrados, o profano se materializa cada vez mais no espaço (ROSA, 2007).

Neste contexto, encontra-se delineada a investigação realizada, destacando-se como objetivo principal analisar a dimensão espacial do sagrado no contexto da cidade do Recife – PE, durante a Festa de Nossa Senhora da Conceição, além de compreender o papel que essa festa religiosa exerce sobre a produção e (re)organização do espaço no Morro da Conceição a partir da relação sagrado/profano.

É importante ressaltar, ainda, que este estudo foi fundamentado na perspectiva da abordagem cultural na geografia que, segundo Claval (1997; 2002) enfatiza a importância dos significados, valores e

representações impregnados nos espaços, numa tentativa de compreender a relação do ser humano com esse espaço, preocupando-se com a espacialização dos fenômenos sociais e colocando o homem no centro da análise geográfica, com suas crenças, valores, representações, significados, atitudes e comportamentos.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, realizou-se um aprofundamento e ampliação de leituras que teve por finalidade conhecer as diferentes concepções científicas acerca dos conceitos de sagrado e profano e sua dimensão espacial, fazendo-se consultas a livros, teses, dissertações e artigos em revistas especializadas. Esse estudo bibliográfico foi imprescindível para construção de um referencial teórico capaz de fundamentar as concepções científicas e reflexões acerca do fenômeno estudado.

Em todo o período de realização desta investigação (agosto de 2016 à julho de 2017) foram realizadas várias visitas ao Morro da Conceição, onde ocorre a Festa de Nossa Senhora da Conceição, com o intuito de observar *in loco* a dinâmica dessa localidade nos dias comuns (tempo ordinário) e no período da festa (tempo sagrado), para sanar dúvidas e inquietações despertadas ao longo do levantamento bibliográfico realizado e conhecer melhor o objeto pesquisado, registrando em fotos e anotações as observações feitas, tentando perceber, ainda, os elementos responsáveis pela (re)organização espacial da localidade durante o tempo sagrado.

Neste intervalo festivo, além de observações, anotações e registros fotográficos, foram aplicados formulários de perguntas aos devotos e visitantes. Durante três dias intercalados e em horários variados, 244 pessoas responderam às 12 (doze) perguntas elaboradas com vistas a obtenção de dados relevantes a respeito dos inquiridos, suas motivações, participação na festa, práticas religiosas realizadas nessa ocasião, etc.

Essas pessoas responderam um formulário com questões fechadas, ou seja, questões com respostas previamente definidas e com várias possibilidades de alternativas com escolhas múltiplas, com objetivo de reduzir o tempo do inquérito e facilitar o processamento e análise dos dados devido à dimensão do

número de formulários a serem aplicados. Em algumas questões foram colocadas opções de acréscimo de respostas para aquelas pessoas que não encontravam uma alternativa condizente com sua realidade e, ainda, foi introduzida uma questão aberta que dava espaço para os inquiridos que se sentissem à vontade para emitir opinião sobre as suas práticas devocionais, importância e significados dos espaços sagrados, ou qualquer outro tipo de comentário relacionado à Festa de Nossa Senhora da Conceição.

A aplicação do formulário de perguntas foi feita dentro dos limites do Santuário de Nossa Senhora da Conceição, no seu entorno imediato e nas áreas de grande circulação de pessoas (ao longo da Praça da Conceição, rua Itacoatiara e Largo Dom Luiz), com vistas a abranger maior diversidade de participantes da festividade.

Foram entrevistados três importantes sujeitos que auxiliaram significativamente na compreensão da realidade que aqui constitui o objeto investigado, sendo dois representantes do santuário (Entrevistado 1 e Entrevistado 2) e um antigo morador do Morro da Conceição (Entrevistado 3). Foram realizadas, também, entrevistas semiestruturadas com alguns moradores da comunidade em questão.

Em seguida, os dados obtidos através da aplicação dos formulários de perguntas foram tabulados e as entrevistas realizadas foram transcritas. Posteriormente, buscou-se inter-relacionar as informações conseguidas na revisão bibliográfica, no trabalho de campo e na análise dos dados e informações, visando subsidiar a pesquisa e ajudar a atingir ou, pelo menos, chegar o mais próximo possível dos objetivos propostos, possibilitando assim, um melhor entendimento do tema.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **O Santuário de Nossa Senhora da Imaculada Conceição**

O Santuário de Nossa Senhora da Imaculada Conceição localiza-se no bairro de Casa Amarela, na cidade do Recife-PE. O mesmo foi reconhecido como santuário pela Igreja Católica no ano de 2014. Essa denominação é justificada pelo Entrevistado 2, membro da Congregação Redentorista –

especializada na gestão de santuários e atual dirigente do santuário em questão –, da seguinte maneira:

Santuário é um título que nasce do povo. Não é a igreja, não é da hierarquia, não vem de cima para baixo, mas de baixo para cima, ou seja, é o povo que intitula. Geralmente a diferença de uma paróquia para um santuário é: santuário é o povo que começa a chamar ‘aqui que agora é um santuário!’, porque ele começa a receber mais fluxo de pessoas e de outros lugares, não somente daquela região da paróquia, mas de outros lugares. O Morro da Conceição por receber sempre essas pessoas de diversos lugares, então ele acabou ganhando esse título e a igreja só oficializa aquilo que o povo nomeia.<sup>2</sup>

Rosendahl (1996, p. 82) conceitua os santuários como sendo “aqueles lugares considerados sagrados por uma dada população regional, nacional ou de vários países. Estes lugares sagrados, por sua vez, estão focalizados, via de regra, em templos associados a uma *hierofania*<sup>3</sup>” (grifo nosso). Contudo, segundo a mesma autora, o espaço comum – profano – pode ser convertido em espaço sagrado a partir de dois processos distintos: através de uma manifestação do sagrado, uma hierofania; ou ainda a partir de ritos que sacralizam o espaço, atribuindo a ele uma conotação diferenciada do seu entorno em virtude das práticas desenvolvidas neste local (ROSENDAHL, 1999). A gênese do Santuário de Nossa Senhora da Imaculada Conceição enquanto espaço sagrado deu-se através do segundo tipo de processo. Os ritos que o consagraram serão expostos mais adiante, por hora basta compreender o surgimento desse importante centro de peregrinação.

A comunidade do Morro da Conceição – antes chamada Oiteiro da Boa Vista – nasce aos pés do grande monumento edificado em comemoração ao Jubileu do Dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria, cuja inauguração ocorreu no dia 8 de dezembro de 1904. Esse dogma foi proclamado em 1854 pelo papa Pio IX e declara que “a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha do pecado original” (JOÃO PAULO II, 2000, p. 138, pf.: 491).

Inicialmente, o Morro era tomado por uma mata. Após a edificação do monumento, ele foi sendo povoado por pessoas pobres vindas do interior do estado de Pernambuco em busca de melhores

<sup>2</sup> Entrevistado 2. Entrevista concedida em outubro de 2016.

<sup>3</sup> Termo adotado pelo historiador e cientista da religião Mircea Eliade como referência à manifestação do sagrado, o qual se apresenta como algo completamente diferente do profano.

condições de vida, que se instalavam na periferia do Recife, além de pessoas que habitavam anteriormente regiões ribeirinhas da cidade, fugindo das constantes inundações (SANTANA, 2016).

Um antigo morador do local corrobora essa informação:

O Morro da Conceição era um morro chamado Outeiro... porém, isto era uma mata, [...] e esta imagem veio, e foi estudado um lugar mais alto que estivesse aqui em Recife, para ser colocada. E foi visto, com toda aquela organização daquela época, que era aqui, neste morro, o Outeiro da Boa Vista.<sup>4</sup>

A imagem [Figura 01] foi fabricada pela firma *Vaillant Nast et Cie* – Paris – França, e trazida ao Recife pelo navio Caravela. Ela mede 3,50m de altura, pesa 1.808 quilos e tem sobre sua cabeça uma coroa de 34 quilos. Juntamente com um nicho de metal suportado por 4 colunas e encimado de uma cúpula ogival, o monumento chega a medir 12 metros e meio de altura (SANTANA, 2016). Na face anterior da base, lê-se a inscrição “*Immaculate Conception B. Mariae Virginis Catholici Pernambucenses in memoriam quinquagenarii jubilei dogmaticae proclamations. O. C. P. Recife VIII Decembris MCMIV*”.



**Figura 1.** Imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Foto: Autor, dezembro de 2016

<sup>4</sup> Entrevistado 3. Entrevista concedida em outubro de 2016.

A imagem recebe, anualmente, centenas de milhares de devotos e visitantes durante todo o ano, sobretudo aos domingos. Contudo, o fluxo acentua-se expressivamente no período festivo – tempo sagrado – considerado no presente estudo, acarretando numa configuração espacial diferenciada em relação ao tempo comum.

## **Organização espacial do sagrado e do profano na festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição**

As festas religiosas surgiram em virtude da impossibilidade de coexistência da vida religiosa e da vida profana nas mesmas unidades de tempo. Por conseguinte, à primeira são reservados dias ou períodos em que as ocupações profanas são retiradas e a vida religiosa atinge um grau de excepcional intensidade (DURKHEIM, 1996). Na comunidade do Morro da Conceição, este gênero festivo apresenta uma periodicidade marcada pelo tempo sagrado, ou seja, uma rotura marcada pela interrupção da duração temporal ordinária para a celebração da festa em homenagem a Imaculada Conceição da Virgem Maria que compreende os últimos dias do mês de novembro e a primeira semana do mês de dezembro.

De acordo com Eliade (1992, p. 47), “o homem religioso sente necessidade de mergulhar por vezes nesse Tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o Tempo sagrado que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana.” Trata-se, portanto, de um tempo circular, recuperável, repetível e representa uma reatualização periódica de um evento sagrado que – no que diz respeito ao cristianismo – encontra-se historicamente delimitado. A importância desta descontinuidade temporal é enfatizada nas falas de alguns devotos inquiridos na ocasião da festa:

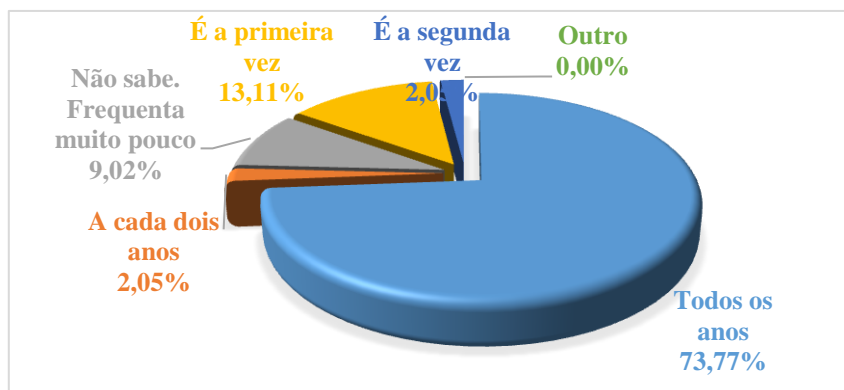
“Manter a fé das pessoas. A festa acende, faz você não perder sua fé... cada ano é uma renovação” (Estudante de 22 anos, moradora do Morro da Conceição, trabalha como voluntária durante a festa todos os anos).

“Reunir todo esse povo numa só finalidade é como se a fé se renovasse” (Dona de casa de 65 anos, moradora de Casa Amarela, trabalha como voluntária todos os anos).

“É um momento a mais pra agradecer pelas conquistas, recuperação de algumas doenças... meu coração pediu pra vir à festa” (Analista financeiro de 54 anos, morador do bairro de Prazeres, município de Jaboatão dos Guararapes).



A necessidade de reatualização anual da Festa de Nossa Senhora da Conceição pode ser corroborada também a partir das informações do gráfico 1, o qual mostra que mais de 70% dos devotos inquiridos na ocasião da festa participam da mesma anualmente. Também é possível identificar uma significativa renovação dos devotos que executam esse ato, uma vez que cerca de 13% participaram da festa pela primeira vez e podem continuar frequentando-a nos próximos anos e colaborando, portanto, para a continuidade da tradição.



**Gráfico 1.** Frequência dos devotos na Festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição Recife, PE – 2016.  
Fonte: Aplicação de Formulário de Perguntas, dez. 2016

“Abastecer-se” do sagrado e reafirmar a fé figura dentre os principais motivos que levam milhares de peregrinos a confluírem para o Santuário de Nossa Senhora da Imaculada Conceição anualmente durante o tempo sagrado e, assumindo a condição de agentes modeladores espaciais, imprimem uma nova dinâmica e um arranjo espacial particular nesse centro de peregrinação. De modo sintético, a organização espacial no Morro da Conceição no tempo sagrado segue a tendência de outros centros de peregrinação:

O espaço sagrado abrange a área mais elevada, geralmente uma colina, situando-se aí a capela com a imagem do santo ou da santa. Coincidindo com a parte mais baixa do terreno, fica o espaço destinado ao comércio e ao lazer, num nítido arranjo entre cerimônia religiosa e atividades profanas (ROSENDAHL, 2012, p. 165).

O espaço sagrado abrange a área mais elevada, geralmente uma colina, situando-se aí a capela com a imagem do santo ou da santa. Coincidindo com a parte mais baixa do terreno, fica o espaço destinado ao comércio e ao lazer, num nítido arranjo entre cerimônia religiosa e atividades profanas (ROSENDAHL, 2012, p. 165).

## Os espaços sagrados

Os lugares escolhidos pelos fiéis para a realização de suas preces são especiais, sejam eles impregnados de sacralidade ou consagrados para a execução de tais atos, possibilitando uma aproximação da verdade, ainda que a distância que os separa do além jamais seja abolida. Por este motivo, é comum que as comunidades ou grupos de fiéis tenham necessidade de capelas, igrejas, templos e/ou santuários (CLAVAL, 2007). Nesse contexto, pode-se afirmar que

O homem religioso necessita consagrar alguns espaços para manifestar sua fé e devoção, sentir-se mais perto de Deus, unir-se ao seu santo protetor, conviver com o sagrado e, de alguma forma, conseguir suportar as dificuldades encontradas na sua vida diária; um local onde ele possa renovar a sua fé, buscar aproximação com o divino, rezar, penitenciar-se, organizar festas, celebrações, ritos, homenagens entre tantas outras atividades que marcam a vivência e experiência das pessoas nos lugares sagrados (ROSA, 2007, p. 100).

Quanto aos significados que essas estruturas destinadas ao culto religioso agregam, sobretudo os santuários, faz-se importante reportarmo-nos ao simbolismo da Montanha Cósmica de que trata Eliade (1992). Segundo este historiador, a montanha figura uma das imagens que exprimem a “ligação” entre a Terra e o Céu, o Axis mundi, a “abertura para o alto” que simboliza a rotura espacial que o lugar sagrado constitui; logo, ela se encontra no “Centro do Mundo”. Por analogia, uma vez situados no Centro do Mundo para o homem religioso, os santuários constituem réplicas da Montanha Cósmica.

Ainda, segundo o mesmo autor, é a manifestação do sagrado – hierofania – que revela um “ponto fixo” absoluto, uma rotura espacial, um espaço sagrado e, portanto, qualitativamente mais forte e repleto de significados para um determinado grupo, um eixo central que é tomado como referência por aqueles que lhe atribuem sacralidade, um “Centro” que impõe uma ordem e torna possível a orientação do homem religioso em meio a homogeneidade e infinitude espacial profana.

Como já mencionado, o processo de sacralização do Santuário em questão não se deu através de uma hierofania, mas de ritos de consagração. Contudo, tendo em vista a centralidade, a força e os significados que a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição apresenta no âmbito em que se insere – atributos que serão expostos no decorrer da presente discussão – é possível classificá-la como o “ponto fixo” deste espaço sagrado.

Segundo Durkheim (1996), o caráter sagrado apresenta uma extraordinária contagiosidade, uma espécie de fugacidade, ou ainda, uma capacidade de propagação em que se baseiam todos os ritos de consagração, pois eles têm por objetivo transferir a um objeto profano as virtudes santificadoras de um objeto sagrado. No catolicismo, a consagração carece da mediação de um especialista eclesiástico. Assim, o caráter sagrado foi transferido à imagem através da benção lançada com grande solenidade por Dom Luíz Raimundo da Silva Brito – então Bispo de Olinda – à primeira pedra do monumento, no dia 26 de outubro de 1904, e também na ocasião de sua inauguração, isto é, no dia 8 de dezembro do mesmo ano.

Todavia, o significativo valor atribuído às imagens dos santos no catolicismo popular brasileiro não pressupõe, necessariamente, uma consagração nos moldes supracitados, uma vez que, para os devotos, os santos se fazem presentes na terra por meio de sua imagem e se identificam com ela, possibilitando o contato direto entre o fiel e o santo (ROSENDAHL, 1996). Dessa forma, os sentimentos que os devotos cultivam em relação à Virgem Maria, mãe de Jesus, desdobram-se atingindo a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição – sobretudo no tempo sagrado – a qual está de frente para o Recife e exibe grande beleza e terníssimo olhar, simbolizando a Conceição sem mácula de Maria.

Em virtude da sacralidade da imagem, o espaço que a acolhe, isto é, a área posterior à igreja, adquire semelhante propriedade e, portanto, permite aos devotos a transcendência do mundo profano e possibilita uma comunicação direta com a Santa, fazendo com que suas preces e agradecimentos sejam efetivamente recebidos por Ela. O simbolismo que permeia esse espaço exerce significativa força de atração sobre os devotos durante a festa (Figura 2).



**Figura 2.** Intensa movimentação nas proximidades da imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Foto: Autor, dezembro de 2016

Essa proposição pode ser corroborada a partir de alguns dados obtidos através dos formulários de perguntas aplicados aos devotos durante três dias da festa: cerca de 52,5 % dos inquiridos declararam que, ao chegarem na festa, vão, primeiramente, ao encontro da imagem da Santa fazer suas orações e homenagens; outros 41,39% elencaram a imagem da Santa como o segundo espaço visitado. Ou seja, quase 94% dos devotos priorizaram a visitação à imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição nessa ocasião.

Além do simbolismo presente nas imagens dos santos, estes mesmos constituem as representações fundamentais do catolicismo popular brasileiro, apresentando uma centralidade receptora de boa parte das práticas religiosas, tais como rezas, promessas e romarias. Quando em vida, os santos alcançaram muitos méritos por suas “boas obras” e alcançaram a “Glória Eterna”, tornando-se habitantes do Céu. A eles é atribuído o poder de intercessão junto a Deus em benefício daqueles que permanecem na terra. Dentre estes seres sagrados celestiais, a Virgem Maria destaca-se por sua múltipla intercessão, sendo invocada na Igreja sob os títulos de advogada, auxiliadora, protetora, medianeira (JOÃO PAULO II, 2000, p. 274, pf.: 1370). Falas de devotos inquiridos durante a festa expressam algumas destas atribuições feitas à Virgem Maria:

“Eu me sinto feliz e segura pela santa” (Doméstica, 69 anos, reside no bairro de Casa Amarela e participa da festa todos os anos).

“A santa é muito importante porque ela ajuda o povo e as pessoas alcançam graças demais através dela” (Doméstica de 62 anos, moradora do município de Camaragibe).

“Porque muitas pessoas são carentes de mãe e Maria é a mãe de todos e a intercessora das nossas preces pra Deus, eu amo ela, e ela me ama e muito, eu percebo isso pelas graças que minha vida tem” (Estudante, 23 anos, moradora do Alto José do Pinho).

Com a corroboração da imagem da Santa como “ponto fixo” desse Santuário, tem-se que é em função dela que todo o espaço existente ao seu redor se organiza, configurando uma ordem espacial hierarquizada, centrada no sagrado. À medida em que nos distanciamos da referida imagem, os espaços profanos adquirem maior destaque, isto é, o comércio de bens não religiosos e áreas destinadas ao lazer e à diversão.

Enquanto isso, a área circundante (o entorno imediato) à imagem da Santa é constituída por formas espaciais que cumprem funções diretamente relacionadas aos roteiros devocionais, ou seja, áreas destinadas à celebração de rituais litúrgicos e práticas religiosas diversas. A criação desses novos espaços é justificada a partir do crescimento contínuo do fluxo de peregrinos ao santuário, o que gera uma demanda por catedrais ou templos mais amplos, funcionais e práticos em relação ao espaço sagrado original (ROSENDAHL, 1999). O Santuário em tela possui algumas estruturas que podem ser classificadas enquanto espaços sagrados secundários, são elas: os velários, a Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição e o “cantinho das promessas” que se localiza no interior da mesma (Figura 3).



**Figura 3.** Espaços sagrados secundários. Figuras: 3a) Velário; 3b) Cantinho das promessas; 3c) Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Fotos: Autor, dezembro de 2016

Conforme relatado por Santana (2016), no começo da ocupação do Morro da Conceição, havia apenas o monumento, a capela (torre) e a casa do zelador. A capela era apenas um galpão aberto, a torre e os degraus em volta da torre. Com a instauração da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Morro no dia 8 de dezembro de 1975, teve início a mobilização da população do Morro e visitantes para a construção da nova Igreja, partindo da estrutura existente. Assim, com a participação da comunidade, em 12 de setembro de 1976, a nova Igreja então foi inaugurada. A mesma passou por muitas reformas e atualmente exibe uma arquitetura moderna, com ar-condicionado para maior conforto dos devotos e paredes de vidro que permitem visualizar a imagem da santa na área posterior à Igreja.

No tempo sagrado é intensa a movimentação no entorno imediato à imagem da Santa, sobretudo nos velários, local destinado ao acendimento de velas por parte dos devotos. As velas são apagadas com água por voluntários com certa regularidade, visando evitar que o fogo gerado pela grande quantidade de velas justapostas adquira proporções muito significativas, ocasionando incêndios.

No “cantinho das promessas”, localizado abaixo de uma escada no interior da Igreja, encontram-se alguns ex-votos trazidos pelos devotos da Santa. São predominantemente peças de cera que representam partes do corpo humano, tais como pernas, pés, cabeças e seios, mas também objetos como casas, carros, corações e bonecos pequenos. Em entrevista gentilmente concedida, o Entrevistado 1 falou sobre estes objetos:

[...] É como se fossem presentes em agradecimento às graças alcançadas. É como se fossem não, é! São presentes! As pessoas trazem agradecendo pela graça alcançada, que recebeu de Deus através da intercessão de Maria, e o que a gente sempre diz é isso, incentivar nesse sentido dessa catequese de que eles vêm agradecer a intercessão de Maria, quem sempre faz os milagres e as graças acontecerem é Deus, Maria é apenas a intermediária, a mediadora.<sup>5</sup>

Salas destinadas ao abrigo de objetos semelhantes podem ser encontradas em muitos outros santuários católicos, constituindo, portanto, um elemento típico destes espaços sagrados. Ainda durante a entrevista, o Entrevistado 1 relatou acerca da necessidade de criar um espaço maior no Santuário para colocar essas peças a mostra, como uma espécie de museu, até mesmo para poder conservá-las melhor. A referida Igreja foi o primeiro local visitado por mais cerca de 44% dos devotos e o segundo por cerca de 43%, o que evidencia a importância desse espaço sagrado secundário, ficando atrás apenas da imagem da santa. Faz-se ainda imprescindível destacar que 84% dos devotos inquiridos durante a festa atribuíram importância primordial a práticas religiosas como rezar e agradecer, pagar promessas, assistir à missa e buscar proteção divina. Depreende-se, portanto, quão grandiosa fé e devoção as pessoas que se deslocam para este Santuário no tempo sagrado possuem, evidenciando a hegemonia do sagrado sobre o profano nessa ocasião.

## Os espaços híbridos

---

<sup>5</sup> Entrevistado 1. Entrevista concedida em fevereiro de 2017.

O dogma da Assunção da bem-aventurada Virgem Maria foi proclamado pelo Papa Pio XII em 1950 e assevera que “Finalmente, a Imaculada Virgem, preservada imune de toda mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste.” (JOÃO PAULO II, 2000, p. 273, pf.: 966); logo, ao localizar-se numa área mais elevada em relação ao seu entorno – um morro – e de difícil acesso, o Santuário de Nossa Senhora da Imaculada Conceição reforça a imagem de um lugar propício à transcendência e à comunicação com o sagrado, pois está situado mais próximo do “Céu”, da “morada dos deuses”.

O “muito alto” é uma dimensão inacessível ao homem como tal; pertence de direto às forças e aos Seres sobre humanos. [...] em face do Céu, o homem descobre ao mesmo tempo a incomensurabilidade divina e sua própria situação no Cosmos. O Céu revela, por seu próprio modo de ser, a transcendência, a força, a eternidade. Ele existe de uma maneira absoluta, pois é elevado, infinito, eterno, poderoso (ELIADE, 1992, p. 60).<sup>6</sup>

Com isso, é possível inferir que ao subir a *Sagrada Colina*<sup>7</sup> – seja pela escadaria da Ladeira Apique<sup>8</sup>, seja pela Rua Itacoatiara, que apesar de não ser tão íngreme quanto a escadaria, também exige um esforço significativo daqueles que optam por esta via de acesso ao Santuário – o devoto caminha em peregrinação ao encontro da santa, aproximando-se paulatinamente de sua morada, onde suas orações podem ser ouvidas por ela quase que imediatamente, estabelecendo um íntimo contato com o mundo divino.

De acordo com Rosendahl (2012), a peregrinação católica no Brasil caracteriza-se, na quase unanimidade dos casos, por um teor religioso e sacrificial. Neste sentido, é salutar referenciar a importância da escadaria da Ladeira Apique, comumente utilizada pelos devotos para pagar promessas e fazer penitências. Movidos por esta motivação, muitos sobem a referida escadaria com os pés descalços, de joelhos, com os mesmos a mostra, intensificando a dor sobre eles [Figura 4a]; outros depositam na cor de suas vestes tão expressivo significado que o uso destas durante o sacrifício é realizado como uma espécie de complemento ao cumprimento da promessa feita [Figura 4b]. De modo geral, essas práticas costumam ser desenvolvidas pelo devoto simultaneamente a rezas e orações.

<sup>6</sup> Entrevistado 1. Entrevista concedida em fevereiro de 2017.

<sup>7</sup> Termo popularmente utilizado no estado da Bahia como uma referência à Basílica Santuário do Senhor do Bonfim, cuja devoção é a maior do Estado da Bahia e de Salvador, aqui empregado como uma analogia entre a importância desse espaço religioso para a cidade de Salvador e a do Santuário de Nossa Senhora da Imaculada Conceição para a cidade do Recife.

<sup>8</sup> Nome oficial da ladeira que abriga a escadaria que dá acesso ao Santuário de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Popularmente, é denominada “escadaria do Morro da Conceição”.



**Figura 4.** Devotos subindo a escadaria da Ladeira Apique descalços e de joelhos. Figuras: 4a) com os joelhos expostos; 4b) com vestes brancas. Fotos: Autor, dezembro de 2016

Não raro, é possível encontrar crianças que são trazidas pelos pais como forma de pagamento de promessas feitas geralmente por eles mesmos ou por algum parente em favor da saúde da criança ou simplesmente para que complicações durante a gestação e/ou o parto não impedissem o seu nascimento, como mostram alguns depoimentos colhidos na ocasião da festa:

“Eu tive uma sobrinha que engravidou cedo e ela teve problema no parto e ela prometeu trazer a bebê se tudo desse certo aqui na festa, ela não pode vir com ela hoje, então eu vim pra cumprir a promessa da minha sobrinha” (Autônoma, 32 anos, moradora de Camaragibe).

“Eu tava grávida da minha filha e eu tinha muito problema de saúde, e ela nasceu de 6 meses prematura e eu supliquei a Nossa Senhora e a Deus, e graças a Deus ela tá aqui comigo” (Aposentada, 68 anos, do município de Condado, relata a graça alcançada enquanto abraça a sua filha).

“Eu consegui a maior graça do mundo, eu tive um filho que nasceu prematuro e teve muito problema, na época eu me apeguei a santa e ele se curou Graças a Deus e ele hoje em dia é ministro da eucaristia” (Dona de casa, 52 anos, moradora do Morro da Conceição).

Em todos esses casos, é comum levar a criança até os pés da imagem como um “milagre-vivo”, “uma prova”, “uma consumação” do poder de intercessão da santa, e/ou submete-la a pequenos sacrifícios para pagar a promessa feita por outrem em seu favor. Escalar a escadaria da Ladeira Apique descalça e/ou vestida de mortalha figura como um dentre os possíveis sacrifícios aos quais a criança pode ser submetida, corroborando o caráter sagrado que é atribuído pelos devotos a esse espaço (Figura 5).





**Figura 5.** Crianças subindo a escadaria da Ladeira Apique. Fotos: Autor, dezembro de 2016

Para Eliade (1979), o simbolismo que permeia a escalada ou a ascensão é extremamente rico e coerente, pois representa um caminho para realizar uma ruptura de nível e atingir a realidade absoluta, passando do modo de ser profano ao sagrado, ou seja, “aquele que se eleva subindo a escadaria de um santuário, ou a escada ritual que conduz ao Céu, deixa então de ser homem: de uma maneira ou de outra, passa a fazer parte da condição divina” (Idem, 1992, p. 60). E tudo isso porque a escada mítica situa-se sempre no “Centro do Mundo”, e permite a comunicação entre as três regiões cósmicas: Céu, Terra e Inferno, tal qual a imagem da Montanha Cósmica já então mencionada.

No entanto, ao ser experienciado de diversos modos pelos indivíduos, o mesmo espaço adquire diferentes significados, sobretudo nas hierópolis<sup>9</sup>, onde encontram-se vários agentes que modelam o espaço, com suas motivações, experiências, crenças e interesses. Logo, acerca da peregrinação, de modo sintético, tem-se que “para alguns, é prática obrigatória; para outros, devoção; e, por aqueles que não professam, é rejeitada” (ROSEDAHL, 2012, p. 151).

---

<sup>9</sup> De acordo com Rosendahl (1996:82), o conceito de hierópolis ou cidades-santuário refere-se aos “centros de convergência de peregrinos que, com suas práticas e crenças, materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço.” Podendo ser classificadas em cinco tipos locais: a) núcleos rurais; b) pequenas cidades em área rural; c) cidades-santuário entre centros metropolitanos; d) cidades-santuário nos centros metropolitanos; e) cidades-santuário nas periferias metropolitanas. As hierópolis são ainda classificadas de acordo com o poder de atração que o sagrado impõe ao lugar, isto é, o santuário pode apresentar um fluxo contínuo ou periódico de peregrinos.

Sob esta ótica, é possível compreender a sacralização e a profanação dos mesmos espaços de acordo com as distintas e, por vezes, opostas funções que desempenham simultaneamente no contexto da festa. A cargo de exemplificação, a escadaria da Ladeira Apique, a mesma referida acima como um espaço propício à ascensão ao sagrado através do sacrifício, é utilizada pelos moradores para a venda de artigos e serviços que os devotos possivelmente possam necessitar ao longo da escalada, tais como água, comida, doces gelados, banheiro etc. além de bares e barracas de artigos religiosos (Figura 6)



**Figura 6.** Comércio informal ao longo da escadaria da Ladeira Apique. Fotos: Autor, dezembro de 2016.

A Rua Itacoatiara, outra via de acesso ao Santuário, também faz parte da rota de peregrinação de muitos devotos (Figura 7)]. Ao longo da mesma, os devotos podem realizar pausas para lanchar; refrescar-se com água, bebidas alcólicas e doces gelados; comprar artigos religiosos – como velas, calendário de parede com a imagem de seres sagrados, imagens artesanais – e não religiosos – chapéu para proteção contra o Sol, brinquedos para crianças etc.



**Figura 7.** Devotos e comércio na Rua Itacoatiara. Fotos: Autor, dezembro de 2016

As duas vias de acesso ao Santuário, portanto, são compartilhadas por elementos sagrados e profanos intimamente correlacionados, impossibilitando uma classificação rígida desses espaços quanto ao vínculo que estabelecem com o sagrado, em virtude do caráter híbrido que apresentam.

### **Espaços profanos**

Tomando por base a classificação dos espaços profanos em relação ao seu maior ou menor vínculo com o sagrado proposta por Rosendahl (1999, 2012), foi possível identificar na Festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição a presença dos espaços profanos diretamente vinculado ao sagrado e dos espaços profanos indiretamente vinculados ao sagrado. Os primeiros correspondem à área destinada ao comércio e aos serviços fortemente ligados às atividades religiosas, tendo por objetivo atender às necessidades dos devotos que se dirigem para o santuário durante o tempo sagrado. Nesse contexto, insere-se todo o entorno da Praça da Conceição (Figura 8a) e da Praça do Largo Dom Luiz (Figura 8b), onde é possível encontrar um comércio bastante diversificado: barracas e vendedores ambulantes de artigos religiosos, artigos não-religiosos, bebidas e alimentos, e o parque de diversões montado às margens da Avenida Norte Miguel Arraes de Alencar durante o período festivo.



**Figura 8.** Espaços profanos diretamente vinculados ao sagrado. Figuras: 8a) Comércio no entorno da Praça da Conceição; 8b) Comércio no entorno da Praça do Largo Dom Luiz. Foto: Autor, dezembro de 2016

Ao longo das calçadas do Santuário (Figura 9<sup>a</sup>) é predominante o comércio de artigos religiosos que, de certa forma, disputam a preferência dos visitantes com o comércio de produtos oficiais do Santuário – camiseta, boné, chaveiro, bolsas, Bíblia, livros de reza, livros de autoajuda, livro de espiritualidade – e lanches na parte interna do mesmo e é organizado por voluntários (Figura 9b). Segundo o Entrevistado 2, esses produtos são pensados por uma equipe do próprio Santuário juntamente com jornalistas e profissionais da área de design e de comunicação visual.



**Figura 9.** Comércio no interior do Santuário e nas suas calçadas. Figuras: 9a) Comércio nas calçadas do Santuário; 9b) Comércio no interior do Santuário. Fotos: Autor, dezembro de 2016

De acordo com o Entrevistado 1, a calçada do Santuário é cedida e a prefeitura do Recife administra o comércio nessa área através de um cadastro que é feito pelos próprios vendedores na prefeitura da cidade. Em 2016, a prefeitura concedeu licença também para alguns ambulantes comercializarem seus produtos na festa do Morro. Contudo, a comercialização de produtos não-oficiais é proibida nas partes internas do santuário.

Quanto aos espaços indiretamente vinculados ao sagrado, Rosendahl (1999, p. 240) caracteriza-os como sendo aqueles que “revelam funções direcionadas aos moradores da hierópolis, mas não totalmente excludentes aos peregrinos. Aparecem, as formas espaciais que representam a própria dimensão da sociedade local em seus espaços residencial, comercial e de serviços”, além do “consumo do lazer usufruído pelo peregrino e pelo morador”.

Encontram-se inseridas neste contexto, as residências que, por ocasião da festa, transformam-se, principalmente, em pequenas lojas de produtos artesanais e lanchonetes; a Praça da Conceição e os estabelecimentos comerciais fixos existentes no entorno da Praça da Conceição e da Praça do Largo Dom Luiz, tais como barracas, bares e lanchonetes.

A Praça da Conceição consiste em um equipamento de lazer de muitos moradores próximos, onde é possível visualizar, nas tardes rotineiras, jovens na quadra de esportes e idosos empregando seu tempo ocioso em jogos de tabuleiro e dominó nas mesas de pedra. Durante o período festivo, porém, a referida praça é utilizada como estacionamento de veículos de pequeno porte; local de descanso para os visitantes que buscam refúgio do Sol nas sombras das copas das árvores; também comporta os visitantes durante as celebrações campais e os shows noturnos que fazem parte da programação cultural da festa; e ainda recebe os banheiros químicos que geram grande incômodo pelo odor desagradável que exalam.

Os dados coletados durante a pesquisa de campo através dos formulários de perguntas revelam que as barracas figuram como os espaços profanos mais frequentados pelos visitantes inquiridos (48,36%), constituindo, na maioria das vezes, o terceiro ponto do roteiro devocional (39,75%), ou seja, após

buscar saciar as necessidades espirituais visando a imagem da Santa e a Igreja, os devotos dirigem-se aos espaços profanos para alimentar-se, fazer compras e/ou divertir-se.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A configuração espacial impressa nos centros religiosos de fluxo periódico de peregrinos, típicos do catolicismo popular brasileiro, é bastante complexa e peculiar. Impressiona o modo com que o espaço é reconfigurado durante alguns dias do ano (tempo sagrado) por diferentes agentes modeladores e suas respectivas motivações, muitas vezes substancialmente opostas. Além disso, cada indivíduo que ali se encontra experiencia este espaço a seu modo e atribui a ele significados diversos.

Tomando por base a classificação proposta por Rosendahl (1999, 2012), foi possível identificar, a partir do estudo realizado, os espaços sagrados, isto é, o ponto fixo (a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição) e seu entorno (os velários, a igreja e o “cantinho das promessas”); e os espaços profanos, tanto aqueles diretamente vinculados ao sagrado (o comércio, sobretudo de artigos religiosos no interior do Santuário, nas suas calçadas e no entorno da Praça da Conceição) quanto aqueles indiretamente vinculados ao sagrado (a Praça da Conceição e algumas residências próximas que adquirem uma nova função durante o tempo sagrado, o comércio bastante diversificado e os equipamentos destinados ao lazer presentes na Praça do Largo Dom Luiz e em seu entorno). Também foram identificados espaços em que a fronteira entre o sagrado e o profano mostrou-se tão sinuosa que os classificar simplesmente em uma dessas duas categorias postergaria a necessária correlação entre elas na impressão de uma configuração espacial particular capaz de agregar uma gama de significados; denominou-se aqui, portanto, espaços híbridos.

Constatou-se, enfim, a hegemonia do sagrado sobre o profano neste contexto, tendo em vista as principais motivações dos visitantes e os espaços mais frequentados por eles, bem como a importância e o forte simbolismo que permeiam a Festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, sobretudo para aqueles que atribuem sacralidade à imagem de Nossa Senhora e ao Santuário que a abriga.

**REFERÊNCIAS**

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3ª ed. Florianópolis: EdUFSC, 2007.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Trad. Maria Adozinda Oliveira Soares. Arcádia, 1979.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROSA, Wedmo Teixeira. **As implicações sócio-espaciais das romarias no espaço urbano e regional de Milagres – BA**. 2007. 215 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – IGEO/Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007

ROSENDAHL, Zeny. O Espaço, o Sagrado e o Profano. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 231-247.

\_\_\_\_\_. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Primeiro a obrigação, depois a devoção: Estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SANTANA, Severina Paiva de. **Aos pés da santa: a história de um povo**. 2. ed. Recife: Ed. do autor, 2016.

SERRA, Ordep. **Rumores da festa: o sagrado e o profano na Bahia**. Salvador: EDUFBA, 1999.